

ANGÚSTIA, ADOLESCÊNCIA E REESTRUTURAÇÃO DE SELF NA ÓTICA HUMANISTA-EXISTENCIAL

2015

Macson Silva dos Santos

Formado em Psicologia pela União Metropolitana de Educação e Cultura - Brasil

E-mail de contato:
macsonpsi@hotmail.com

RESUMO

A angústia é um fenômeno psíquico inerente ao ser humano. Sua etiologia está na percepção do próprio indivíduo como responsável sobre seu estar-no-mundo. A adolescência possui uma natureza biopsicossocial, sofrendo a auto-imagem/*self* de reestruturações que conduzem o indivíduo a crises existenciais. O presente trabalho objetivou explicar e elucidar a adolescência sob a ótica Humanista-Existencial, bem como verificar os benefícios da Abordagem Centrada na Pessoa no auxílio de adolescentes, em crise existencial, na reestruturação de seu *self*. Com apoio de material literário constatou-se que os múltiplos fatores que se relacionam com o período da adolescência trazem crises de identidade ao indivíduo. Conclui-se que a Empatia, a Aceitação Incondicional e a Autenticidade, evidentes na prática Humanista-Existencial, contribuem para a criação de um clima favorável, propiciando o substrato para que a Tendência Atualizante entre em ação e ocorra a reestruturação da Auto-imagem.

Palavras-chave: Adolescência, angústia, auto-imagem, reestruturação, *self*.

Copyright © 2017.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

A angústia é um fenómeno psíquico inerente ao ser humano. Filósofos como Kierkegaard e Heidegger apontam que a etiologia desta, está na percepção do indivíduo como sendo responsável sobre si mesmo; sobre seu estar-no-mundo, bem como o sentido que dá a vida na qual não se tem controle, embora se deva gerir. O fenómeno da adolescência possui uma natureza multifatorial, diferentemente da puberdade, que está atrelada aos fenómenos biológicos de desenvolvimento humano.

Nas sociedades modernas a puberdade ocorre e incorre numa série de questões sociais e culturais, o que caracteriza a adolescência. O indivíduo que antes era criança e gozava de privilégio e proteção, agora se encontra num “meio-termo”, no qual precisa se adequar ao mundo adulto, mas não é considerado adulto, diferentemente das sociedades primitivas, como mostrou Margareth Mead nas ilhas Samoa em Nova Guiné, onde as pressões quanto as escolhas são amenas.

Com isso a angústia torna-se intensa na grande maioria dos adolescentes pela emergência da incerteza, insegurança e necessidade de atitude diante do porvir. As crises de identidade, portanto, são incisivas nesse período, vide que há mudanças abruptas em nível biológico, contextual e psicológico/individual deste sujeito. O meio pleiteia posições desse indivíduo, que ao mesmo tempo indaga este meio. Deste modo a auto-imagem/Self deste indivíduo, a qual, também, é formada no contexto, ou seja, no meio em que este mesmo indivíduo se encontra, sofre desestruturações levando o mesmo a crises existenciais que demandam um acompanhamento psicológico

A proposta do presente artigo é explanar e elucidar a ótica Humanista-Existencial sobre a adolescência, como também os benefícios da ACP (Abordagem Centrada na Pessoa) no auxílio de adolescentes para o trabalho de reestruturação e ressignificação de sua Self ou Auto-imagem. O presente trabalho apoiou-se na consulta de material literário sobre a temática, sendo que se constatou que os múltiplos fatores que se relacionam com o período da adolescência, trazem crises de identidade aos que atravessam esta fase. Assim, conclui-se que a Empatia, a Aceitação Incondicional e a Autenticidade transmitida pelo psicoterapeuta, na prática Humanista-Existencial, contribui para a criação de um clima favorável para que este *ser* venha experienciar a sua existência; propicia o substrato para que a Tendência Atualizante entre em ação; e, por fim, ocorra a ressignificação e reestruturação da Auto-imagem.

O HOMEM FRENTE A ANGÚSTIA QUE LHE É INERENTE

Angústia pode ser descrita, etimologicamente, como “estrito, apertado” Houaiss (2001 apud Peres & Holanda, 2003). Remete a um estado, no qual o sujeito encontra-se acuado perante um mal ou ameaça caracteristicamente inevitável. Sob uma ótica fisiológica, pode ser considerada como um estado de preparação do organismo para ação em relação a uma determinada circunstância, funcionando como um mecanismo adaptativo/preparatório. A angústia, segundo Olivieri (2008), por manter uma relação estreita com fenômenos externos e internos ao indivíduo tem a função de alertar que algo está causando dor e que é preciso ser trabalhado.

Autores como Peres e Holanda (2003) vêm dizer que na Psicologia existem várias maneiras diferentes de se caracterizar a angústia, bem como, vários enfoques teóricos. Num enfoque humanista, a angústia é abordada numa visão filosófica, a saber, a visão existencialista, a qual assinala que as sensações típicas da angústia se manifestam diante a responsabilidade do homem por si mesmo, por suas ações e escolhas.

[...] sentimento que caracteriza a abertura do homem perante o futuro, uma vez que é ele mesmo que o escolhe. O homem quer caminhar para o futuro, seguir em frente, não paralisar; no entanto, teme o que está porvir, o desconhecido e o inesperado. Esse dilema humano é a angústia. (Angerami- Camon, 2000. p.66)

Soren Kierkegaard é um dos primeiros filósofos a tratar o tema com maior atenção. Segundo o mesmo, é na angústia que o homem é exposto à responsabilidade por si próprio, sendo consolidada na percepção da falta de garantias que a vida oferece. Não há nada de seguro na existência, sendo que a certeza é que existem todas as possibilidades, o levando a dizer que angústia é: “*sentimento puro da possibilidade*” (Kierkegaard, 1844. s.p. apud. Angerami, 2000. p. 93)

“Na angústia [o homem] tem medo de perder a si mesmo [...]. A angústia apodera-se do homem enquanto livre, que vê nas suas mãos o próprio destino, que dá conta de que precisa se arriscar livremente, para se salvar.” (Fragata, 1990. p. 163 apud Peres & Holanda, 2003. s.p.)

Parafraçando Borges et. al. (2011), no momento em que o homem é lançado no mundo, além de necessitar de subsídios orgânicos para sobreviver, necessita viver, afirmar-se enquanto ser que existe. Não obstante, é demandando deste ser um posicionamento, uma atitude que

servirá como mola propulsora para que este homem *seja* num mundo já criado por outros homens. Um mundo o qual é passível de acolher uma nova existência, constituindo, assim, a angústia primeira que é a escolha que o homem é obrigado a fazer para ser-no-mundo. Ainda, Camon (2000) nos traz que, como a vida não possui um sentido, um significado pré-determinado, fica a cargo do próprio homem, o sentido da sua própria existência.

Ao citar Heidegger, Werle (2003 apud Borges et. al. 2011) diz que a angústia é uma característica fundamental do Dasein, na medida em que ela é o que define a essência humana. Este ser-no-mundo assume sua posição ao assumir as responsabilidades por sua própria existência. A incerteza, a possibilidade de construção, a consciência da própria liberdade de escolha traz ao Ser a angústia.

“Sendo a liberdade uma realidade ontológica da existência humana, essa outorga ao homem a responsabilidade por suas escolhas, não podendo atribuí-la a mais ninguém, a não ser a si próprio” (Borges et. al., 2011. s.p.)

Para Olivieri (2008, p.26), as possibilidades de escolhas que são anunciadas ao homem, vide sua plena responsabilidade por si mesmo, por aquilo que escolhe e, concomitantemente com a constante locomoção ao erigir de sua existência autêntica, trazem apreensão ao mesmo. Esta apreensão não deve ser confundida com o temor, haja vista que o temor se remete a algo objetivo, palpável, por assim dizer. Na medida que a angústia está mais para um sentimento de vulnerabilidade, insegurança frente a, por fazer, própria existência.

Destarte é na angústia que se descortina ao homem a possibilidade do ser, o compromisso profundo consigo mesmo, a responsabilidade pela significação da sua existência, pois coloca em xeque o ser, ao expô-lo a finitude da vida e ao Nada.

Assim como diz Olivieri (2008, p.27):

A angústia se eleva a partir do ser no mundo enquanto ser-lançado-para-a-morte. A angústia libera o indivíduo de possibilidades “nulas”, tornando-o livre para as possibilidades próprias. É a angústia que abre para o indivíduo o abismo do nada, e que pode através dessa experiência proporcionar a este a ocasião de escutar [...] no profundo de si, pois o Nada é o recipiente do Ser.

Em consequência disto, ao defronta-se com a incompletude, ou melhor, com a infindável construção da sua existência, que o homem localiza a verdadeira possibilidade de tornar-se autêntico, pois vai rompendo com a inautenticidade e buscando o real sentido de sua existência.

A ADOLESCÊNCIA E OS FATORES INFLUENTES NO SELF

A adolescência é um fenômeno importante em nossa sociedade, onde é preciso distinção, quanto a sua performance, tendo como um dos pontos centrais a percepção das diferenças socioculturais e idiossincrasias do contexto onde o sujeito está inserido. De uma forma simples pode-se dizer que é o período de transição, entre a infância e a idade adulta, embora seja um tema complexo, que demande um olhar não reducionista. Lepre (s.d.) nos diz que, num resgate histórico, a adolescência pode ser percebida de forma, muito, diferente da que hoje possuímos. Na idade antiga, a exemplo de Roma, o sujeito desde a tenra infância, perpassando pela fase púbere, recebia educação/instrução a qual o tornava um cidadão, era comum o pai decidir quando o filho poderia ser considerado homem, para então poder escolher qual atividade exercer na sociedade. Na idade média, também não se tinha definido o processo de adolescência. O (a) jovem que, devido a maturação física já poderia ser considerado adulto, usufruindo assim, dos direitos e obrigações de um adulto. Desse modo, não existia uma definição clara dessa fase de transição.

A partir do século XVIII que a adolescência começa a ser estudada como um fenômeno de transição. No início do século XX, a antropóloga Margareth Mead em seus estudos sobre as sociedades primitivas, a saber, os nativos das ilhas Samoa – 1925 a 1933 – destaca a diferença entre os adolescentes das sociedades modernas para os das sociedades primitivas.

Nossos adolescentes se encontram com um mundo de escolhas que se deslumbram aos seus olhos. São livres para escolher entre as mais variadas religiões, deparam-se com diversos códigos morais e encontram-se frente a uma série de grupos diferentes, que têm crenças diferentes e proclamam práticas diversas. Aos adolescentes de Samoa essas questões não se colocam, sendo que as escolhas que são possíveis aos jovens samoanos são completamente diferentes. Não é possível, por exemplo, fazer qualquer escolha que implique em transgressões de normas de seu grupo social, como pode acontecer em nossas sociedades modernas, onde a filha de um católico pode ser protestante [...] As escolhas em Samoa apresentam razões práticas [...] A falta de opções para escolha é própria de uma civilização primitiva, simples e homogênea que caminha muito lentamente sem grandes transformações. No pólo oposto encontram-se as civilizações modernas que são heterogêneas, variadas, diversas e marcadas por profundas transformações que as gerações podem experimentar, devendo se reequilibrar até que outra mudança se coloque. (Lepre, s.d., s.p.)

A adolescência é um período de intensas transformações, as quais abrangem todas as dimensões, da vida do indivíduo. Segundo a OMS (2002, apud Azevedo, 2006) é o “*processo fundamentalmente biológico, de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a construção da personalidade*”. Entretanto, alguns autores como Palácios (1995), defendem que a adolescência é um fenômeno que deve ser encarado, não só, pela ótica do orgânico, mas sim em sua totalidade, ou seja, deve ser enxergado como fenômeno onde confluem aspectos biológicos e socioculturais, e que possui como fatores determinantes, a forma como se vive esse período (singularidade, história pessoal do sujeito), e contexto cultural em que, este ser adolescente, está inserido.

Não podemos falar de uma adolescência geral, que se apresenta da mesma forma e ao mesmo tempo, em diversas culturas (grifos do autor). O que existe são adolescentes, seres únicos, que realizam o seu adolecer de maneira individual, particular. Isso chama a atenção para o fato de que essa fase do desenvolvimento deve ser entendida como um fenômeno psicossocial. (Azevedo, 2006. p. 24/25)

Por se tratar de um organismo complexo, as mudanças físicas, reverberam em modificações psicológicas, as quais incidirão diretamente nas relações sociais. Ratificando, Campagna e Souza (2006) alertam para a confusão que, geralmente, feita sobre a puberdade e a adolescência, dizendo que a puberdade é um fenômeno biológico que leva a maturação dos órgãos sexuais, enquanto que a adolescência abrangeria as alterações físicas, psicológicas e sociais.

Destarte, é pertinente falar que o período de maturação e modificação do esquema corporal abala a imagem que o sujeito tem de si.

“Na adolescência, com a emergência das mudanças físicas, o jovem, muitas vezes, sente-se desorientado.” (Oliveira, 2010. p.57)

É importante citar que as meninas, no período púbere, passam por mudanças intensas e consideráveis em seu corpo, e que ocorrem precocemente em relação aos meninos. As mudanças nos órgãos internos e externos, a maturação do sistema reprodutor, o advento do ciclo menstrual, implicam em mudanças acentuadas na imagem que a menina tem de si. Campagna e Souza (2006) ratificam: “[...] *alterações corporais provocam mudanças na imagem corporal, e esse fenômeno é particularmente intenso na adolescência*”

A perda do corpo e do status de criança, pleiteia ao ser adolescente, segundo Azevedo (2006), um processo lento, e doloroso, de luto pelo corpo de criança e pela identidade infantil,

além da formulação de novas pautas de convivência, que a princípio são entendidas como invasoras ou ditatórias. As demandas impostas comumente, ao adolescente, que não é mais criança, porém ainda não é adulto, o levam a um trabalho árduo de definição.

“A angústia e os estados de despersonalização que, muitas vezes, acompanham esses momentos, devem-se, à angústia de perceber que é próprio corpo que produz essas mudanças” (Campagna& Souza, 2006. s.p.)

Ainda neste sentido:

Nessa etapa do desenvolvimento, o indivíduo passa por momentos de desequilíbrios e instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado, incompreendido por pais e professores, o que pode acarretar problemas para os relacionamentos do adolescente com as pessoas mais próximas do seu convívio social. (Drummond & Drummond Filho, 1998. s.p. apud Pratta& Santos, 2006. s.p.)

Concordando com Cerveny e Berthoud (2001 apud Pretta& Santos) a crise, a qual o adolescente enfrenta, devido as constantes alterações em sua vivência, e que demandam deste um posicionamento, os tornam confrontantes e questionadores sobre valores e regras estabelecidos, principalmente, pelos pais.

Parafraseando Jerusalinsky (2003), a indecisão é uma das palavras que mais definem o adolescente. Este se encontra instável, não pode recorrer ao passado, não tem certeza do futuro, mas necessita agir. A passagem da fase de proteção, característica da infância, para a fase de exposição, característica do adulto, faz com que o adolescente, **em crise** (grifos do autor), busque outros critérios de avaliação.

“Entretanto essa crise desencadeada pela vivência da adolescência é de fundamental importância para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos” (Drummond & Drummond Filho, 1998. s.p. apud Pratta& Santos, 2006. s.p.)

Citando Rogers (1975 apud Azevedo, 2006), podemos dizer que o período da adolescência traz ao jovem a instabilidade frente à forma como este se percebe. O *Self* (imagem de si, autoconceito) é formado pela percepção de características próprias, conteúdos e percepções sobre os outros, bem como valores, os quais são aprendidos nas relações que o sujeito possui. Enfim, um conjunto de características percebidas pelo sujeito, e que o definem.

Estas mudanças no *Self*, irão impulsionar o adolescente a uma busca de si mesmo. Parafraseando Kalina (1999 apud Pratta & Santos), a adolescência possui um selo biopsicossocial, pois é nessa procura de ajustamento que o jovem objetiva descobrir as coisas por conta própria, questionando a forma como as informações foram transmitidas pela família, e angariando valores e normas dos novos grupos os quais este interage.

Marcia (1966, s.p. apud Schoen-Ferreira, Aznar-Farias & Silveiras, 2003) apresenta duas dimensões frente a formação de um adolescente, que são a **crise** (grifo do autor) e a exploração, sendo que ambas estribam-se na tomada de decisão, relativos a antigos valores e costumes adquiridos, o que na maioria das vezes gera um gradual conflito.

Aberastury (1990) afirma que este processo é essencial para que o jovem seja, gradativamente, inserido no mundo adulto, promovendo assim a aquisição de novos papéis, bem como um posicionamento autêntico frente ao mundo em todas as suas esferas de relacionamentos e convivências.

Assim sendo, a adolescência, também, pode ser descrita da seguinte forma:

“[...] é um tempo de rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da auto-afirmação e da independência individual [...]” (Silva & Mattos, 2004. s.p. apud Pratta & Santos, 2007. s.p.)

A REETRUTURAÇÃO DO SELF: TENDÊNCIA ATUALIZANTE DEFRENTE AS INSTABILIDADES DA ADOLESCÊNCIA

É sabido que a adolescência é um período marcado por intensas transformações. Jardim, Oliveira e Gomes (2005) afirmam que essa fase é caracterizada por possuir uma natureza transacional e instável sendo, portanto, necessária uma visão completa e atenção voltada, por parte do terapeuta, para o fluxo que esta etapa da vida apresenta.

Desse modo, a adolescência é marcada por intensos momentos de incerteza quanto ao que se é, insegurança quanto a sua auto-imagem (*Self*). Rogers (1975 apud Dutra, 2000) vem falar que a realidade objetiva não existe, estando o mundo a mercê da percepção individual do sujeito sobre o seu estar-no-mundo. Assim sendo, Rogers traz a ideia de que o melhor ponto de vista para se alcançar a auto compreensão é observa-se, ou seja, tomar o quadro de referência de si mesmo.

A consideração empática oferecida, pelo terapeuta, na ACP proporciona ao adolescente o espaço necessário para que este vivencie o seu processo de luto pelo corpo e identidade infantil e adquira e/ou encontre em si as ferramentas necessárias para se reestruturar, bem como a autenticidade demonstrada pelo terapeuta, a qual comunica ao cliente, nesse caso o adolescente em crise, que este também pode vivenciar e expressar-se de forma verdadeira, exibindo, de forma patente, o conceito da Congruência.

Descobriu-se que a transformação pessoal era facilitada quando o psicoterapeuta é aquilo que é, quando as suas relações com o paciente são autênticas e sem máscara nem fachada, exprimindo abertamente os sentimentos e as atitudes que nesse momento lhe ocorrem. Escolhemos o termo “congruência” para tentar descrever esta condição. Com este termo procura-se significar que os sentimentos experimentados pelo terapeuta lhe são disponíveis, disponíveis à sua consciência, e que ele é capaz de vivê-los, de ser esses sentimentos e estas atitudes, que é capaz de comunicá-los se surgir uma oportunidade disso (Rogers, 1976.p.63 apud Moreira, 2010. s.p.).

Segundo Dutra (2000) o self não está atrelado, definitivamente, a uma entidade biológica, nem genética, pois possui a sua originalidade na relação com o outro. Em outras palavras, o self constitui-se quando o ser percebe a sua vocação em ser-com, em fazer-se existir, o que está fundamentalmente anexado na relação com o outro que o percebe como um ser-aí.

Em acordo Rogers (1974, p. 223 apud Dutra, 2000. s.p.), o self pode ser conceituado como a “*representação na consciência de ser e funcionar*”, com isso pode-se dizer que nesse âmbito de “*aceitação*”, o adolescente encontra a possibilidade de apropriar-se de si mesmo, tomando consciência de sua existência, de suas possibilidades de ação, de sua responsabilidade sobre si mesmo. É evidente que a experiência é fundamental neste processo, ou seja, a percepção do ser como um ser que se manifesta a partir da sua forma de “*estar-no-mundo*”.

“O reconhecimento de algo que me é próprio, pode surgir na experiência, no sentir, no afeto, na sensação, ou seja, na experiência” (Dutra, 2000. p. 74)

Na adolescência, ao defrontar as crises de identidade que lhe são inerentes, o indivíduo, muitas vezes, absorve ou assume valores dos outros, como também os questiona. Seguindo essa linha, o sujeito poderá dirigir-se para uma vivência inautêntica, na qual irá introjetar em si valores ou caracterizações desarmoniosas com a sua experiência, a fim de manter intacta uma imagem construída com critérios alheios. Desse modo é pertinente que a valorização do mundo interno do ser adolescente, o respeito e aceitação, ou seja, a consideração empática.

O terapeuta, então, é visto como alguém que possibilita ao outro a execução de seus projetos. Desvelando-se como um auxiliador, o qual ajuda o cliente a descobrir suas verdades baseadas na sua própria vivência. Dessa forma, afirma Camon (1995, p. 13) que: “*O crescimento e essa opção decisória devem ser facilitadas ao paciente, sendo que ao psicoterapeuta cabe apontar-lhe alternativas que possam levá-lo a uma reflexão mais ampla sobre as suas reais possibilidades.*”. Esse clima de aceitação juntamente com o estar-junto proporcionado pelo terapeuta, torna-se a via mais adequada para que haja a reestruturação do self.

Por reestruturação do self, podemos nos estribar no conceito de *tendência atualizante* de Rogers (1977, p. 159 apud Azevedo, 2006), a qual prega que existe uma tendência inerente a todo organismo, para desenvolver suas potencialidades, e de desenvolver formas de conservação e enriquecimento próprio, sendo o atendimento psicológico na ACP, frutífero por criar toda atmosfera favorável para que haja tal desenvolvimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi de cunho exclusivamente bibliográfico e de modalidade qualitativa. As fontes listadas abaixo, das quais podemos citar artigos científicos e livros, foram o fundamento e o suporte para o desenvolvimento dos textos. Assim sendo, a bibliografia consultada possui relação direta com os temas angústia; adolescência; e reestruturação, ressignificação da auto-imagem, numa ótica Humanista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do conceito Humanista-Existencial sobre a angústia, o qual a expõe como inerente ao ser humano e a representa pela noção da responsabilidade do indivíduo por sua própria existência; e sendo a adolescência um período marcado por intensas transformações biológicas, sociais e psicológicas, pode-se dizer que a intensidade da crise existencial na adolescência aumenta, abalando a imagem que este indivíduo tem sobre si e o forçando a buscar formas de se manter intregado, sendo que estas formas levam-no, na maioria das vezes, à uma discrepância entre a sua realidade interna e sua experiência, pois toma como quadro de referência as percepções alheias. Deste modo, o atendimento psicológico pautado na abordagem Humanista-Existencial, a qual faz imprescindível a Autenticidade (harmonização entre realidade interna e experiência por parte do terapeuta), leva ao cliente a noção de liberdade e aceitação, podendo o mesmo vivenciar os fenômenos de forma autêntica, tomando a si próprio como quadro de

referência ampliando sua consciência frente às possibilidades e resignificando a si mesmo, ou seja, reelaborando/reestruturando a si mesmo.



REFERÊNCIAS

Angerami – Camom, V. A. (1995). *Histórias Psi: a ótica existencial em psicoterapia*. São Paulo: Valdemar Augusto Angerami-Camon.

Angerami-Camon, V. A. (2000). *Angústia e Psicoterapia*. São Paulo: Casa do psicólogo.

Archanjo, A., M., Arcaro, N., T. (2003). *Estudos de caso de um adolescente atendido em psicoterapia com enfoque fenomenológico*. Boletim de Iniciação científica em Psicologia.

Azevedo, A. K. S. (2006). *Relação Amorosa e Tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; centro de ciências humanas, letras e artes; programa de pós-graduação em psicologia.

Borges, A., T., Vieira, J., A., Bonfin, L., F., Cervinhani, R. (2011). *Angústia Existencial Contemporânea e sua Expressão em Psicoterapia*. Akropolis: Umuarama.

Campagna, V., N., Souza, A., S., L. (2006). *Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP: Boletim de Psicologia.

Dutra, E., M., S. (2000). *Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o enfoque da abordagem centrada na pessoa*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Jardim, A., P., Oliveira, M., Z., Gomes, W., B. (2005). *Possibilidades e dificuldades na articulação entre pesquisa e psicoterapia com Adolescentes*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Jerusalinsky, A. (2003). *Adolescência e contemporaneidade*. Porto Alegre: Libretos.

Lepre, R., M., (s.d.) *Adolescência e construção da identidade*. Marília, São Paulo: Programa de pós-graduação em Educação da Unesp.

Moreira, V. (2010). *Revisitando as fases da Abordagem Centrada na Pessoa*. Capinas: Estudos de Psicologia. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n4/11.pdf>

Oliviéri, M., F. (2008). *Angústia Existencial: o papel fundamental do conceito de angústia no processo de construção da subjetividade humana sob a ótica reflexiva de SorenAabyeKierkegaard*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Oliveira, G. C. (2010). *Psicomotricidade: Educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes 15ª edição

Peres, M., B., Holanda, A., F. (2003). *A noção de angústia na prática clínica: aproximações entre o pensamento de Kierkegaard e Gestalt-Terapia*. OBS.

Pratta, E. M. M., Santos, M. A. (2007). *Família e Adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros*. Maringá: Psicologia em Estudo.

Schoen-Ferreira, T., H., Aznar-Farias, M., Silvares, E., F., M. (2003). *A construção da identidade em adolescentes: um estudo explanatório*. São Paulo: Universidade de São Paulo.